

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



## “Gíria não, dialeto”: entrelinhas do pretuguês nos conflitos linguístico-raciais de denominação

Sávio Oliveira da Silva Santos\*<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Santa Cruz

\* savio123oliver@gmail.com

Trabalhos completos - GT 01 – Etnicidade, memória e educação

### RESUMO

Se colonialmente nomear era definir, renomear erigiu-se como um ato de negritude na diáspora africana. Isto posto, em vista dos apagamentos históricos em diversos âmbitos da ciência, por intermédio do genocídio, epistemicídio e linguicídio, que inculcam nos sujeitos marginalizados a falta do reconhecimento de suas identidades, este artigo tem por objetivo discutir as conceptualizações e seus desdobramentos sociais, raciais e linguísticas acerca das terminologias “gíria”, “dialeto” e “pretuguês”. Para tanto, discutimos acerca do conceito de pretuguês (GONZALEZ, 1988) e do processo de reificação deste num contexto de avanço na racialização dos estudos linguísticos (SANTOS, 2024). Ademais, problematizamos o conceito de “gíria” e “dialeto” enquanto categorias que carregam estigmas sociais no campo teórico quando relacionadas a comunidades de fala racialmente negras; bem como sua diferenciação de funcionamento discursivo no seio de comunidades culturais fomentadas pelos movimentos negros educadores. Por conseguinte, compreendemos que o pretuguês, embora não nomeadamente assumido enquanto terminologia dada à sua recém ascensão, sempre esteve na raiz dos conflitos raciais da diáspora, diretamente defendido como herança racial africana numa sociedade eurocêntrica e colonialmente normativa.

**Palavras chave:** Pretuguês. Raça. Linguagem.

### Introdução

De antemão, importa mensurar que a expressão “gíria não, dialeto” é oriunda da música “Negro drama<sup>1</sup>”, do grupo de rap Racionais Mc’s. A expressão e música em seu contexto lírico denotam a desvalorização da racialização linguística quando do uso da língua com variações provenientes das comunidades periféricas são estigmatizadas e intituladas de forma generalizada enquanto gíria. Em paralelo, o falante questiona o valor dado ao termo dialeto, que socialmente detém prestígio por compreender-se como variações válidas produzidas por um dado grupo ou comunidade de fala (MOLLICA, 2003; LABOV, 2008; PRETI, 2000).

Esta percepção epilinguística e este fazer pragmático metalinguístico ilustra,

<sup>1</sup> Música que compõe o disco “Nada como um dia após o outro”, V.1 e 2, lançado em 2003 pelo grupo de rap Racionais Mcs.

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



no título e no corpus deste trabalho, como sujeitos racializados percebem o valor da nomeação num contexto de colonialidade e, a partir disso, se reescrevem, reexistem, se definem, se identificam e se reorganizam a partir de outras denominações, quer seja “dialeto”, no passado; quer seja “pretuguês”, na contemporaneidade. Se colonialmente nomear era definir, renomear erigiu-se como um ato de negritude na diáspora africana

A problematização do uso do termo gíria é recorrente não só nos meios formais quando estas se manifestam, mas na sua importância enquanto código linguístico para seus interlocutores dentro e fora das suas comunidades de fala (PRETI, 2000). A importância em revisitar as noções de gíria está em perceber como sua noção foi entendida socialmente enquanto desvio de norma, e só a partir do aprofundamento dos seus estudos linguísticos, palavras antes tidas enquanto jargões ou calões foram dicionarizadas, ressignificadas e imbuídas no vocabulário de língua portuguesa.

*Nessa perspectiva, em relação às gírias, é importante citarmos que, para Labov (2008), há uma dificuldade bastante acentuada em se delimitar o que é um grupo sociolinguístico, isto é, determinar o que constitui efetivamente uma comunidade de fala. O linguista também salienta que o termo comunidade de fala não pode ser aplicado a um grupo de falantes em que todos utilizam as mesmas formas, mas sim, a um grupo que segue as mesmas normas relativas ao uso da língua (BIASSUTI, 2011, p. 2).*

Assim, as gírias não estariam relacionadas exatamente à forma como a comunidade utiliza as palavras, mas como ela compreende e readéqua suas formas de expressar-se dentro de um ambiente social determinado. Mais que isso, a diferença que uma comunidade de fala quer demonstrar socialmente e, para tanto, manifesta primeiramente na língua.

O entendimento de gíria, por vezes, sobrepõe-se ao de dialeto, onde, sob este termo, ocasionalmente se percebe tais “variações” originárias devido aos fatores históricos, culturais e educacionais pelos quais aquele grupo e território historicamente perpassou e/ou perpassa (LABOV, 2008). O dialeto, então, passa a apresentar uma complexidade de fatores tanto linguísticos quanto históricos no *locus* da sua utilização.

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20  
NOVEMBRO  
DE 2024



*Na concepção de Monteiro (2000, p. 46), dialeto é “uma variedade subordinada a uma dada língua, que assim seria entendida como a soma de vários dialetos”; no entanto, o autor afirma que “delimitar, determinar, definir uma comunidade de falantes e seu dialeto não é tão simples, já que se corre o risco de considerar muito mais os fatores sociais que os linguísticos (BIASSUTI, 2011, p. 3).*

A denominação gíria interfere nos valores de identidade, inclusive racial. Afinal, linguagem é identidade, e a identidade racial negra suscita e rememora suas culturas, saberes e tradições, impactando diretamente o seu linguajar, bem como guardando um comportamento linguístico que remete diretamente à sua descendência. Conforme Hall, identidades raciais são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem do nosso sentimento de ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, ‘linguísticas’, religiosas e acima de tudo nacionais” (2006, p. 8).

Diferente de outros países ou territórios, o dialeto no Brasil possui peculiaridades, onde a variante não é necessariamente reconhecida, como no caso dos dialetos nominados franceses ou caribenhos; no Brasil, dialeto atende muito mais a um olhar linguístico-analítico do ponto de vista descritivista para se remeter, necessariamente, às práticas de linguagem de grupos exclusivos, com vocabulário cerceado. “É preciso lembrar que os dialetos no Brasil não são considerados como entidades distintas que os falantes podem alternar de acordo com a situação” (BARTONI, 1995, p. 122). Todavia, está naturalizadamente imerso na oralidade de modo que, muitas vezes, seu falante sequer compreende ou percebe uma possível distinção para com a variedade padrão da língua portuguesa.

No trajeto do reconhecimento da importância das contribuições linguísticas da população negra para a expansão e difusão reestruturada da língua portuguesa, Gonzalez (1988) erige o conceito de “pretoguês”:

*Ou seja, aquilo que chamo de “pretoguês” e que nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil (nunca esquecendo que o colonizador chamava os escravos de “pretos” e “crioulos”, os nascidos no Brasil), é facilmente constatado, sobretudo, no espanhol da região caribenha (GONZALEZ, 1988, p. 70).*

Com base nas reflexões de Gonzalez (1988) e nos estudos de raça e racismo,

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



nota-se que as ideologias de branqueamento se apropriam também das manifestações linguísticas negras e em seguida negam sua grande contribuição para a construção de nação e sociedade brasileira, originando tanto o preconceito quanto o racismo linguístico. O preconceito e o racismo linguísticos são perceptíveis, também, na medida em que algumas manifestações são articuladas e dicionarizadas e outras são reprimidas, recebendo as terminologias de gírias, variações e dialetos, bem como caracterizadas como produções marginalizadas de comunidades de fala, sobretudo, racialmente negras.

Ante este dilema, urge o papel das ciências da linguagem e dos educadores na reescrita das narrativas de história única acerca do processo de africanização na constituição histórica da língua – *ethos* deste trabalho.

## Metodologia

Este trabalho configura um recorte de uma pesquisa de doutoramento, que possui por objetivo difundir as categorias analíticas do conceito de pretuguês. Aqui, revisamos bibliograficamente o conceito de “gíria”, que serviu como dispositivo colonial de nomeação das manifestações de africania perante as variações produzidas pelas comunidades de fala periféricas e negras. Em contrapartida, revisamos o conceito de “dialeto” em face do seu prestígio, sendo uma denominação privilegiada para se referir aos desvios da norma culta produzidas por comunidades de fala brancas e elitizadas ao longo da história.

Neste ínterim, refletimos sobre a aderência do conceito de “pretuguês” – sua reificação e difusão – em comunidades de fala negras, de modo a reintonar de forma mais assertiva o modo singular como o corpo negro, com descendência lexical, fonológica e corporal, comporta e reinventa a língua portuguesa na diáspora. Para tanto, lançamos mão dos conceitos de Pretuguês (GONZALEZ, 1988), Pretuguês como primeira negritude (SANTOS, 2024), Gíria (BIASUTTI, 2011), Língua (OYÈRÓNKÉ, 2021), dentre outros.

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



## Resultados

Língua, cultura e raça são tripés da identidade. É inerente que no estudo da cultura se considere raça e língua, e assim vice-versa. A cultura, sobretudo, é a instituição social mantedora a língua. Embasando-nos na pesquisadora nigeriana Oyèrónké (2021), podemos ilustrar isso ao pensar como as determinações sociais desempenham papéis significativos na formulação de vocábulos dentro de uma cultura, o que por sua vez produz singularidades numa dada língua.

Tomemos de exemplo o Yorubá. Segundo Oyèrónké (2021), no Yorubá, os falantes desta língua não se preocupam com os marcadores de sexo ou gênero nas suas interações verbais, podendo, muitas vezes, estabelecer longo diálogo em uma situação comunicativa entre si acerca de outras pessoas sem citar tais informações, a não ser que o assunto diretamente interfira ou trate do gênero ou sexo da pessoa a partir das especificidades naturais dela.

Em contrapartida, no Yorubá, os falantes se preocupam muito mais com a "senioridade", isto é, "a classificação social das pessoas com base em suas idades cronológicas", pois esta informação possui valor simbólico a ponto de alterar o jogo dialógico entre os pares. A prevalência da categorização etária na língua iorubá é a primeira indicação de que a relatividade etária é o princípio central da organização social" (Oyèrónké, 2021, p. 130).

Assim, diferente de um diálogo entre falantes anglófonos, por exemplo, acerca de uma dada pessoa, o nome da pessoa não seria suficiente para que uma terceira pessoa soubesse distinguir se se trata de uma pessoa de sexo masculino ou feminino, bem como se ouvisse a conversa, também não conseguiria extrair essa informação, tida na língua e para seus falantes como secundária, enquanto a sua informação da sua idade, se mais velha ou mais nova, logo seria interpelada. Todavia, em contexto de falantes anglófonos, o nome, muito provavelmente, denunciaria o sexo da pessoa de quem falam, enquanto sua idade poderia vir à menção caso fosse necessário.

Diante das informações em tela, sinestesticamente visualizamos a relação cíclica enviesada entre cultura e língua(gem), esta que é, segundo Oyèrónké (2021,

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



p. 130):

*[...] antes de tudo, uma instituição social e, como tal, constitui e é constituída pela cultura. Por causa da difusão da linguagem, é legítimo perguntar o que uma língua em particular nos diz sobre a cultura da qual deriva. A linguagem carrega valores culturais dentro de si.*

Neste liame, é cauteloso pensar que também nos estudos da linguagem, em qualquer tempo, requer, caso importe devida importância com a precisão dos resultados e arguições porvindouras, retomar o estudo da cultura, qualquer que seja ela, para analisar a língua(gem) ante a sua instituição social mantenedora.

A respeito do pretuguês, ele se enquadra enquanto categoria político-linguística utilizada por comunidades negras para marcar sua pertinência, tendo sido produzido e usado historicamente pelos quilombos enquanto tecnologia de resistência na codificação de seus falares; utilizado na religião que sincretiza o português – antes - de Portugal e as línguas africanas até torná-la herança afro-brasileira; na confecção das mandingas da capoeira por intermédio do enredo africanizado que as conduzem, dentre outros. Ou seja, o pretuguês faz a mediação entre negritude, cultura e linguagem, que juntas produzem os aspectos da identidade.

*[...] O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes (como o l ou r, por exemplo, apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (e isto sem falar nos dialetos 'crioulos' do Caribe). Similaridades ainda mais evidentes são constatáveis, se o nosso olhar se volta para as músicas, as danças, os sistemas de crenças, etc. (GONZALEZ, 1988, p. 70).*

Na sociedade em geral, imersa na colonialidade normativa, tais diferenciais linguísticos são estigmatizados, conforme explicamos a partir das denominações de gíria e dialeto, e ilustram na língua um conflito que é acima de tudo racial. Ao tornar estereotipada e marginalizada a linguagem do outro, que muitas vezes desconhece sua historicidade devido à deseducação, é possível reforçar sua zona de não-ser social, bem como perdurar seu subjugo, afinal, conforme Anzaldúa, “[...] se você quer mesmo me ferir, fale mal da minha língua. A identidade étnica e a

# XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



identidade linguística são unha e carne – eu sou minha língua. Eu não posso ter orgulho de mim mesma até que possa ter orgulho da minha língua" (2009, p. 312).

Embora a linguística moderna tenha avançado patentemente nas possibilidades de abordagem das linguagens que permeiam o imaginário e as relações interpessoais, há lacunas que necessitam ser sanadas. Uma delas é o parâmetro científico nos estudos da linguagem que toma um dado objeto como corpus, entretanto, que não pode ser materializado. É o caso de vários lócus de pretuguês que não podem ser reificados.

Como constatar nos estudos da linguagem o modo preto de falar um português africanizado muito mais no corpo do que no corpus? Por que o corpus ainda é um problema para a racialização dos estudos da linguagem, o que ampara o questionamento da legitimidade epistêmica dessas produções?

Indicar com o bico da boca um lugar ou pessoa, com ou sem ironia; a tonicidade dos encontros consonantais abertos nas gírias que as comunidades fazem: ôxe! E é, é? Laêle; a repetição de negação na marcação de sentença: não vou não! Ou: e foi, foi? Falar gesticulando de forma natural, dentre outros, são formas de presentificar a negritude não necessariamente no corpo da linguagem, mas na linguagem do corpo. "Para tanto, é preciso fundamentalmente considerar que a identidade se faz e se refaz nas zonas da linguagem, tanto pelo dito quanto pelo que é oculto e silenciado" (MISSIATO, 2021, p. 95).

Unindo cultura, raça e identidade, é preciso que a linguística moderna não apenas fomente o nascimento de conceitos que democratizem o lugar negro na língua, mas que amplie seus critérios teórico-metodológicos, de modo a surgir categorias, como de análise diante de conceitos como pretuguês, que possam ir além do que a linguística ocidental circunscreveu como científico. Isto é, mais inclinado a referendar a ascendência branca nas análises da palavra escrita do que as ascendências negras nas palavras oralizadas que se distinguem e não se encaixam nos seus padrões de uso e análise.

Uma vez mais, melhor que o conhecimento e a difusão do conceito de pretuguês, a percepção das africanias tatuadas no linguajar negro diaspórico, é

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



reconhecê-lo para além do âmbito das palavras ditas, no âmago da linguagem por elas corporificadas. “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir” (RIBEIRO, 2017, p. 35).

## Discussões e Conclusões

Os movimentos negros educadores, a exemplo da capoeira e do Hip-Hop, historicamente, empreenderam dispositivos de luta que, diretamente, fortaleceram o movimento de letramento da população negra enquanto maioria minorizada no Brasil (SANTOS, 2020; GOMES, 2017). Para tanto, utilizaram da música como elemento de promoção da pertinência e fortalecimento da identidade de negritude. Nesta pesquisa, elucidamos desde o título, com o verso “Ginga e fala gíria, gíria não, dialeto”, na música Negro Drama, do Grupo de Rap “Racionais Mc's”, o quanto a metalinguagem, usar uma linguagem para falar de outra ou falar sobretudo de questões de linguagem nas suas produções, tem sido mecanismo de denúncia do apagamento promovido pelo racismo no âmbito do corpo, da episteme e também da língua.

Ao defender o modo como as comunidades negras comportam a língua antes tida como colonial, e agora defendida como nossa (Hooks, 2013), promove-se a nomeação da experiência social diaspórica imersa numa sociedade eurocêntrica, a qual, por sua vez, é confrontada, inclusive pelas formas de linguajar, pelos sujeitos que se amparam na sua noção de língua(gem) baseada na oralitura, isto é, na forma de entendê-la ante às sociedades africanas das quais descendem.

Assim sendo, podemos compreender que enquanto a linguística moderna tardou no conhecimento das africanias que assolaram o solo brasileiro e reformularam a língua portuguesa, sujeitos negros – e os movimentos negros educadores – há muito tempo, mesmo fora da academia, sempre denunciaram tais apagamentos. Isto representa dizer que o Pretuguês pode não ter surgido enquanto nomenclatura de nomeação da forma negra de linguajar a língua imposta, como foi “Gíria” ou “Dialeto”, mas sempre esteve nas entrelinhas dos



# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20  
NOVEMBRO  
DE 2024



conflitos hibridizados entre raça e linguagem no Brasil.

O pretuguês compreende um bojo de elemento linguísticos, políticos, culturais, econômicos, territoriais e, por conseguinte, identitários, que juntos constituem o dispositivo racial de Negritude, concebida também como uma ação estratégica de manifestar um diferente na linguagem, o que reflete um diferente existir numa sociedade colonial. Hodiernamente, têm-se frutificado as categorias de análise do pretuguês, requerendo da academia mais abertura teórico-metodológica para lidar com as oralitura, entretanto, apesar desta diferença aparentar um problema, os racionais Mcs já afirmaram que “mas na rua né não”.

Desse modo, ainda há em curso o monopólio linguístico contemporâneo que determina no Novo Mundo — segundo GONZALEZ (1988), na Diáspora — a hierarquização das culturas e também da língua. Sem a participação dos estudos da linguagem no diagnóstico desses apagamentos a longo prazo em vigência, coeficientes das elipses linguísticas e epistêmicas negras continuam perpassando pela sociedade sem ter a devida notoriedade. Todavia, ainda nos estudos da linguagem, é preciso fundir um lugar cauteloso de reconhecimento social das mandingas, políticas e estratégias linguísticas regidas pelo corpo negro no *front* ao linguicídio.

## Referências

ANZALDUÁ, Glória. Como domar a língua selvagem. Tradução de Joana Plaza Pinto e Karla Cristina dos Santos. Revisão de Viviane Veras. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa**, no 39, p. 297-309, 2009.

BARTONI, Stella Maris. Variação linguística e atividade de letramento e sala de aula. In: **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Angela B. Kleiman (org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995. Coleção *Letramento, Educação e Sociedade*.

BIASUTTI, Flávio Valadares. **Revisitando as noções de gírias**: do conceito à dicionarização. Domínios de linguagem. Revista Eletrônica de Linguística: v.5, - nº 1 – 1º Semestre 2011.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro Educador**: saberes construídos nas

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20  
NOVEMBRO  
DE 2024



lutas por Emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira, Lopes Louro - 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS. Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MISSIATO, Leandro Fonseca. **Colonialidade normativa.** 1 ed. Curitiba: Appris, 2021.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-14.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres:** construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero / Oyèrónké Oyěwùmí; tradução Wanderson Flor do Nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PRETI, D. **Dicionários de gíria.** São Paulo: Alfa, 2000, n. 44, p. 57-73.

RACIONAIS MC'S. **Negro drama.** Nada como um dia após o outro. Selo Cosa Nostra. 2022. Disponível em: [https://youtu.be/mrAT\\_xG-opk](https://youtu.be/mrAT_xG-opk). Acesso em: 13 de jul. de 2022.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017

SANTOS, Sávio Oliveira da Silva. **Da criouliização ao pretuguês:** (re)pensando as africanidades no português brasileiro. Dissertação de mestrado. Ilhéus, BA: UESC, 2024. 141 f.: il.

SANTOS, Richard. **Maioria Minorizada:** um Dispositivo Analítico de Racialidade. Editora Telha, 1ª Edição, 2020.